

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2017

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2016 por Kiera Cass

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incluídas em artigos críticos e resenhas

Título original: *The Siren*

Título: *A Sereia*

Autora: Kiera Cass

Tradução: Alexandra Cardoso

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Maria João Gomes

Arte de capa original: Gustavo Marx/Mergeleft Reps, Inc.

Design de capa original: Sarah Hoy

Arranjo de capa: Vera Braga/Marcador

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-308-1

Depósito legal: 426102/17

1.^a edição: junho de 2017

Capítulo 1

Engraçado aquilo a que nos agarramos, as coisas de que nos lembramos quando tudo termina. Ainda consigo ver os painéis nas paredes da nossa cabina e recordar exatamente quão felpudo era o tapete. Lembro-me do cheiro da água salgada, que permeava o ar colando-se à minha pele, e do som das gargalhadas dos meus irmãos na outra sala, como se a tempestade fosse uma aventura emocionante em vez de um pesadelo.

Mais do que qualquer sensação de medo ou preocupação, havia irritação a pairar no ar. A tempestade estragara os nossos planos para a noite; não haveria baile no convés superior, nenhuma possibilidade de exhibir o meu vestido novo. Estes eram os problemas que então atormentavam a minha vida, tão insignificantes que é quase uma vergonha admiti-los. Mas esse era o meu conto de fadas, no tempo em que a minha realidade parecia uma história por ser tão boa.

— Se este balanço não parar em breve, não vou ter tempo para arranjar o cabelo antes do jantar — lamentou-se a mãe.

Ergui os olhos para ela do sítio onde estava deitada, no chão, a tentar desesperadamente não vomitar. O reflexo da mãe lembrava-me o cartaz de um filme e as suas ondas de cabelo vincadas pareciam perfeitas. Mas ela nunca estava satisfeita.

– É melhor levantes-te do chão – continuou, olhando para mim. – E se aparecer um criado?

Cambaleei até uma das espreguiçadeiras, fazendo – como sempre – o que me diziam, embora não achasse que esta posição fosse necessariamente mais elegante. Fechei os olhos, rezando para que o mar acalmasse. Não queria estar maldisposta. A nossa viagem até àquele último dia tinha sido absolutamente normal, apenas uma viagem de família do ponto A ao ponto B. Já não me lembro de para onde íamos. Apenas recordo que viajávamos, como era hábito, em estilo. Éramos uma das poucas famílias afortunadas, que haviam sobrevivido à queda da bolsa com a riqueza intacta – e a mãe gostava de garantir que as pessoas sabiam disso. Consequentemente, estávamos numa bela suíte com janelas de tamanho adequado e mordomos pessoais à nossa disposição. Eu estava a considerar a hipótese de tocar a campainha para pedir um balde.

Foi então, naquela neblina turva do enjoo, que ouvi qualquer coisa, quase uma espécie de canção de embalar distante. Fiquei curiosa e, de certa forma, sedenta. Ergui a minha cabeça tonta e vi a mãe voltar também a sua atenção para a janela, buscando o som. Os nossos olhos encontraram-se por um instante, ambas procurando confirmar que o que estávamos a ouvir era real. Quando percebemos que não estávamos sozinhas, concentrámo-nos novamente na janela, à escuta. A música era toxicamente bela, como um cântico para os devotos.

O pai espreitou para dentro da sala, ostentando um curativo novo no pescoço, onde se cortara a tentar barbear-se durante a tempestade.

– É a banda? – perguntou. O seu tom era calmo, mas o desespero nos seus olhos era assustador.

– Talvez. Parece que vem do lado de fora, não é? – A mãe ficou de repente sem fôlego e ansiosa, com uma mão no pescoço enquanto engolia entusiasmada. – Vamos ver. – Deu um salto da cadeira e pegou na sua camisola. Fiquei chocada. Ela detestava andar à chuva.

– Mas, mãe, a sua maquilhagem. Acabou de dizer...

– Oh, isso... – disse ela, não me dando importância e enfiando os braços num casaco cor de marfim. – Só vamos até lá fora por um instante. Terei tempo para a compor quando voltarmos.

– Acho que vou ficar. – Sentia-me tão atraída pela música como eles, mas a sensação peganhenta no meu rosto recordou-me o quão perto estava de vomitar. No meu estado, deixar o quarto não podia ser uma boa ideia e enrolei-me ainda mais sobre mim mesma, resistindo à vontade de me levantar e segui-los.

A mãe virou-se e fitou-me nos olhos:

– Sentir-me-ia melhor se estivesse ao meu lado – disse ela, com um sorriso.

Foram as últimas palavras que me disse.

Ao mesmo tempo que abria a boca para protestar, dei por mim de pé a atravessar a cabina, para a seguir. Já não era apenas uma questão de obedecer. Eu tinha de ir para o convés. Tinha de aproximar-me da canção. Se tivesse ficado no nosso quarto, teria provavelmente ficado encurralada e afundado com o navio. Então, poderia ter-me juntado à minha família. No céu ou no inferno, ou em lado nenhum se fosse tudo mentira. Mas não.

Subimos as escadas e, pelo caminho, dezenas de outros passageiros se juntaram a nós. Foi então que soube que alguma coisa estava errada. Alguns dos passageiros apressavam-se, abrindo caminho entre a multidão, enquanto outros pareciam sonâmbulos.

Saí para a chuva castigadora, parando logo a seguir ao umbral para absorver a cena. Tapando com força as orelhas com as mãos, para abafar o estrondo dos trovões e a música hipnótica, tentei orientar-me. Dois homens passaram por mim e saltaram borda fora sem sequer hesitarem. A tempestade não era assim tão má que precisássemos de abandonar o navio, pois não?

Olhei para o meu irmão mais novo e vi-o a beber a chuva, como um gato selvagem a puxar por carne crua. Quando alguém perto dele tentou fazer o mesmo, debateram-se um com o outro, lutando pelas gotas. Recuei, virando-me para procurar o meu irmão do meio. Nunca o encontrei. Perdera-se na multidão que

corria para a amurada, desaparecendo antes que eu conseguisse perceber o que estava a testemunhar.

Então, vi os meus pais, de mãos dadas, de costas contra a amurada, tombando casualmente ao mar. A sorrir. Gritei.

O que estava a acontecer? O mundo enlouquecera?

Uma nota infiltrou-se nos meus ouvidos e deixei cair as mãos. O medo e as preocupações desapareceram à medida que a música me agarrava. Parecia, de facto, que estaria melhor na água, abraçada pelas ondas em vez de chicoteada pela chuva. Parecia deliciosa. Eu precisava de a beber. Precisava de encher com ela o meu estômago, o meu coração, os meus pulmões.

Com aquele desejo único a percorrer-me, caminhei em direção à amurada. Seria um prazer beber até ficar completamente cheia, até cada último pedaço de mim estar saciado. Mal tive noção de trepar para o lado de fora, quase sem consciência do que quer que fosse, até a estalada dura da água na minha cara me fazer cair novamente em mim.

Ia morrer.

Não! Pensei enquanto lutava para subir à superfície. Não estou preparada! Quero viver! Dezanove anos não eram suficientes. Há ainda muitos alimentos para provar e lugares para visitar. Um marido, esperava eu, e uma família. Todas essas coisas, tudo, desaparecendo numa fração de segundos.

A sério?

Não tive tempo para duvidar da realidade da voz que estava a ouvir. *Sim!*

O que darias para continuares viva?

Qualquer coisa!

Num instante, fui puxada para fora da luta. Era como se um braço se tivesse enrolado em volta da minha cintura, puxando-me com precisão enquanto eu passava por corpo após corpo até estar livre deles. Pouco depois, dei por mim deitada de costas, a olhar para três raparigas de uma beleza encantadora e nada humana.

Por um instante, todo o meu horror e confusão desapareceram. Não havia tempestade, nem família, nem medo. Tudo o que

sempre existira ou sempre existiria eram estes rostos belos e perfeitos. Semicerrei os olhos, estudando-as e chegando ao único palpite que parecia possível.

– Vocês são anjos? – perguntei. – Estou morta?

A rapariga mais próxima, de olhos tão verdes como as esmeraldas dos brincos da mãe e brilhantes cabelos ruivos que ondulavam em redor do seu rosto, inclinou-se.

– Estás bem viva – garantiu, com uma voz colorida por um encantador sotaque britânico.

Fiquei de boca aberta a olhar para ela. Se eu ainda estava viva, não deveria estar a sentir o raspar do sal na garganta? Não estariam os meus olhos a arder devido à água? Não estaria eu a sentir picadas na cara no sítio onde batera? Contudo, sentia-me perfeita, completa. Ou estava a sonhar ou estava morta. Tinha de estar.

À distância, conseguia ouvir gritos. Ergui a cabeça e, logo acima das ondas, avistei a popa do nosso navio a boiar fora de água de modo surreal.

Respirei várias vezes, irregularmente, demasiado confusa para compreender como é que ainda respirava, enquanto ouvia os outros a afogarem-se em meu redor.

– Do que te lembras? – perguntou ela.

Abanei a cabeça.

– Do tapete. – Procurei nas minhas memórias, sentindo-as já a ficarem distantes e esbatidas. – E dos cabelos da minha mãe – continuei, com a voz a quebrar-se. – E, depois, estava na água.

– Pediste para viver?

– Sim – gaguejei, perguntando-me se ela conseguia ler-me a mente ou se todos os outros também tinham pensado no mesmo. – Quem és tu?

– Sou a Marilyn – respondeu ela, docemente. – Esta é a Aisling. – Apontou para uma rapariga loira que me fez um pequeno sorriso caloroso. – E aquela é a Nombeko. – A Nombeko era tão escura como o céu noturno e parecia não ter quase cabelo nenhum.

– Somos cantoras. Sereias. Servas de Oceano – explicou a Marilyn. – Nós ajudamo-La. Nós... alimentamo-La.

Semicerrei os olhos:

– O que é que o oceano poderia comer?

A Marilyn olhou na direção do navio que se afundava e eu segui o seu olhar. Quase todas as vozes estavam agora silenciosas.

Oh.

– É o nosso dever e, em breve, poderá ser também o teu. Se Lhe deres o teu tempo, Ela dar-te-á a vida. Deste dia em diante, durante os próximos cem anos, não ficarás doente nem ferida e não envelhecerás um dia. Quando o teu tempo acabar, recebes de volta a tua voz, a tua liberdade. Podes viver.

– Desculpem – gaguejei. – Não compreendo.

As outras sorriram atrás dela, mas os seus olhos pareciam tristes.

– Não. Seria impossível compreenderes agora – disse a Marilyn. Passou a mão pelos meus cabelos encharcados, tratando-me como se eu fosse já uma delas. – Garanto-te que nenhuma de nós compreendeu. Mas vais compreender.

Cuidadosamente, levantei-me até ficar totalmente erguida, chocada ao ver que estava de pé na água. Ainda havia algumas pessoas a flutuar ao longe, a lutar na corrente, como se achassem que poderiam salvar-se.

– A minha mãe está ali – implorei. A Nombeko suspirou com uma expressão melancólica no olhar.

A Marilyn passou um braço à minha volta, olhando para os destroços e sussurrando-me ao ouvido:

– Tens duas opções: podes permanecer connosco ou podes juntar-te à tua mãe. *Juntares-te* a ela. Não salvá-la.

Fiquei em silêncio, pensando. Ela estaria a dizer-me a verdade? Eu podia escolher morrer?

– Disseste que darias qualquer coisa para viver – recordou-me ela. – Por favor, sê sincera.

Vi esperança nos seus olhos. Ela não queria que eu fosse. Talvez tivesse visto morte suficiente por um dia.

Assenti com a cabeça. Ficaria.

Ela puxou-me para mais perto e sussurrou-me ao ouvido:

– Bem-vinda à irmandade das sereias.

Fui puxada para debaixo de água e algo frio entrou nas minhas veias. E, embora me assustasse, não me doeu quase nada.

80 anos depois

Capítulo 2

– **P**orquê? – perguntou ela, com o rosto inchado pelo afogamento.

Ergui as mãos, advertindo-a para não se aproximar mais, tentando dizer-lhe sem palavras que era mortífera. Mas era óbvio que ela não estava com medo. Estava à procura de vingança. E iria consegui-la, fosse como fosse.

– Porquê? – insistiu ela. Havia algas enroladas em torno da sua perna, que faziam um som monótono e molhado à medida que se arrastavam pelo chão atrás dela.

As palavras saíram-me da boca antes que pudesse conter-me:

– Tive de o fazer.

Ela não estremeceu perante a minha voz, apenas continuou a avançar. Era agora. Eu iria finalmente pagar pelo que fizera.

– Eu tinha três filhos.

Recuei, procurando escapar:

– Eu não sabia! Juro que não sabia de nada!

Finalmente, ela parou, a poucos centímetros de mim. Esperei que me batesse ou me estrangulasse, que encontrasse uma maneira de vingar a vida que lhe fora tirada demasiado cedo. Mas ela ficou simplesmente ali, com a cabeça inclinada para um lado enquanto me observava, de olhos inchados e com a pele azulada.

E, então, atirou-se a mim.

Acordei com uma exclamação, agitando o braço no ar vazio à minha frente antes de perceber.

Um sonho. Era apenas um sonho. Coloquei uma mão no peito, esperando acalmar o meu coração. Em vez de encontrar pele, os meus dedos pressionaram a parte de trás do meu álbum de recortes. Peguei nele, olhando para as páginas cuidadosamente construídas, cheias de notícias recortadas. Era bem feito por trabalhar nele antes de dormir.

Acabara de terminar a minha página sobre a Kerry Straus antes de adormecer. Era uma das últimas pessoas que eu precisava de encontrar do nosso afundamento mais recente. Mais duas e depois teria informações sobre todas aquelas almas perdidas. O *Arcatia* poderia ser o meu primeiro navio completo.

Olhando para a página da Kerry, estudei os olhos brilhantes da fotografia que se encontrava na página de internet em sua memória. Era uma coisa malfeita, criada sem dúvida pelo seu marido viúvo por entre tentativas de servir algo mais criativo do que esparguete aos seus três filhos sem mãe e a rotina interminável do seu trabalho. A Kerry tinha um olhar que transmitia promessas, uma expectativa que a rodeava como um brilho.

Eu tirara-lhe isso. Roubara-o e dera-o como alimento a Oceano.

– Pelo menos, tinhas uma família – disse eu para a fotografia.
– Pelo menos, havia alguém para chorar por ti quando te foste. – Queria poder explicar-lhe como uma vida inteira interrompida cedo era melhor do que uma vida vazia que se arrastava. Fechei o álbum e coloquei-o no meu baú juntamente com os outros, um por cada naufrágio. Havia apenas um punhado de pessoas que podiam entender como me sentia e nem sempre tinha a certeza de que compreendiam.

Com um suspiro pesado, voltei para a sala, onde a voz da Elizabeth e a da Miaka soavam mais alto do que eu desejaria.

– Kahlen! – saudou a Elizabeth. Tentei não dar nas vistas enquanto verificava se todas as janelas estavam fechadas. Elas sabiam o

quão importante era que ninguém pudesse ouvir-nos, mas nunca eram tão cautelosas como eu gostaria. – A Miaka acabou de ter outra ideia para o futuro dela.

Virei a minha atenção para a Miaka. Minúscula e escura em todos os sentidos, exceto no espírito, ela conquistara-me ao fim dos primeiros minutos de nos conhecermos.

– Conta – respondi, enquanto me acomodava na cadeira de canto.

A Miaka fez-me um sorriso rasgado:

– Estava a pensar em comprar uma galeria.

– A sério? – Arqueei as sobrancelhas, surpreendida. – Então, ter em vez de criar, hã?

– Não acho que alguma vez conseguisses parar realmente de pintar – disse a Elizabeth pensativamente.

Assenti com a cabeça:

– És demasiado talentosa.

A Miaka vendia a sua arte *online* há anos. Mesmo agora, durante a conversa, ela escrevia no telefone e eu tinha a certeza de que havia mais uma grande venda em andamento. O facto de qualquer uma de nós possuir um telefone era quase ridículo – como se tivéssemos alguém a quem ligar –, mas ela gostava de estar conectada com o mundo.

– Ser responsável por algo parece-me divertido, sabes?

– Sim – disse eu. – Ser proprietário parece uma coisa incrivelmente atrativa.

– Exatamente! – A Miaka escreveu e falou ao mesmo tempo. – Responsabilidade, individualidade. Todas essas coisas estão em falta agora, portanto, talvez eu possa compensar mais tarde.

Eu ia dizer que tínhamos bastantes responsabilidades, mas a Elizabeth falou primeiro.

– Tive uma ideia nova, também – exclamou ela.

– Conta-nos. – A Miaka pousou o telefone e trepou para cima dela como se fossem cachorrinhos.

– Decidi que gosto realmente de cantar. Pensei que gostava de o fazer de uma forma diferente.

– Serias uma vocalista fantástica numa banda.

A Elizabeth endireitou-se, quase atirando a Miaka ao chão.

– Foi exatamente nisso que pensei!

Observei-as, maravilhada pelo facto de três pessoas tão diferentes, nascidas em lugares, épocas e com costumes diferentes, conseguirem equilibrar-se tão bem. Mesmo a Aisling, quando decidia deixar a sua solidão autoimposta e passar algum tempo connosco, encaixava-se como uma peça num quebra-cabeças.

– E tu, Kahlen?

– Hã?

A Miaka endireitou-se.

– Alguns sonhos grandiosos novos?

Jogáramos este jogo centenas de vezes, ao longo dos anos, como uma forma de nos mantermos animadas. Eu pensara ser médica para poder compensar todas as vidas que tirara. Bailarina, para poder praticar o controlo do meu corpo de todas as formas. Escritora, para poder encontrar uma maneira de usar a minha voz, quer falasse ou não. Astronauta, no caso de precisar de colocar espaço extra entre Oceano e eu. Esgotara praticamente todas as possibilidades.

Mas, no fundo, eu sabia que havia apenas uma coisa que queria mesmo, algo que era quase demasiado doloroso para pensar agora.

Olhei para o grande livro de História que descansava na minha cadeira favorita – o livro que queria ter levado para o meu quarto na noite anterior –, certificando-me de que a revista de noivas no seu interior continuava escondida.

Sorri e encolhi os ombros:

– O mesmo de antes. Nada de novo.

Engoli em seco quando entrei no campus da universidade. Por mais que desejasse uma vida tão típica e agradável como a de toda a gente, nunca me permitia ficar confortável. Os seres humanos – e a necessidade constante de me manter em silêncio para os proteger – deixavam-me nervosa. Mas, mesmo agora, conseguia ouvir a voz da Elizabeth na minha cabeça. «Não precisamos de ficar em casa o tempo todo. Não vou viver dessa maneira», jurara ela, talvez duas

semanas depois de iniciar a sua nova vida connosco. E cumprira a sua palavra, não só saindo ela mesma, mas garantindo que o resto de nós também tinha uma vida o mais normal possível. Aventurar-me no exterior era metade uma forma de a apaziguar e metade um mimo para mim.

A nossa casa atual ficava muito perto de uma universidade, o que era perfeito para mim. Significava montanhas de pessoas a passear por relvados amplos e a conviver em mesas de piquenique. Não sentia necessidade de ir a concertos, clubes ou festas como a Elizabeth e a Miaka. Sentia-me satisfeita por estar simplesmente no meio de seres humanos, por os ver. Era verdade que a minha noção de estilo era, talvez, um pouco diferente, já que me sentia sempre atraída pelo corte e pelas linhas das saias e vestidos da década de 1950, mas se me sentasse debaixo de uma árvore com um livro, podia fingir que era um deles durante horas.

Observei os transeuntes, satisfeita por estar numa cidade tão simpática que algumas pessoas me acenavam sem nenhuma razão. Se eu pudesse dizer-lhes «olá» – apenas uma pequena e inofensiva palavra – a ilusão teria sido perfeita.

– ...se ela não quer. Então, porque não diz alguma coisa? – perguntava uma rapariga à multidão de amigos que a rodeavam. Imaginei-a como uma abelha-mestra e os outros como os seus desafortunados súbditos.

– Tens toda a razão. Ela devia ter-te dito que não queria ir em vez de dizer a todos os outros.

A rainha da colmeia sacudiu os cabelos:

– Estou farta dela. Não entro nesses jogos.

Olhei para ela, franzindo os olhos, certa de que ela estava a jogar um jogo completamente diferente, um que sem dúvida venceria.

– Estou a dizer-te, meu, podíamos desenhá-lo. – Um rapaz de cabelo curto gesticulava entusiasticamente para o seu amigo.

– Não sei. – Este rapaz, com um pouco de peso a mais, ia coçando a pele do pescoço enquanto caminhava com rapidez. Podia estar a tentar vencer o amigo em velocidade, mas aquele era

tão ligeiro e estava tão motivado, que teria provavelmente conseguido acompanhar um foguete.

– Só um pequeno investimento, meu. Podemos ser o próximo grande sucesso. Daqui a dez anos, as pessoas poderiam estar a falar sobre aqueles dois génios da Flórida que mudaram o mundo!

Reprimi um sorriso.

Quando as multidões se dispersaram à tarde, fui para a biblioteca. Desde que nos mudáramos para Miami, ia lá uma ou duas vezes por semana. Não gostava de fazer a minha pesquisa para o álbum de recortes em casa. Cometera esse erro antes e a Elizabeth troçara impiedosamente de mim por ser mórbida.

– Porque não vais à procura dos cadáveres deles? – dissera ela. – Ou pedes a Oceano para te dizer quais foram os seus pensamentos finais. Também queres saber isso?

Eu entendia a repulsa que ela sentia. Ela via os meus álbuns de recortes como uma obsessão nada saudável pelas pessoas que assassináramos. O que eu gostava que ela entendesse era o modo como aquelas pessoas me assombravam, como os gritos ficavam comigo muito depois de os navios se afundarem. Saber que a Melinda Bernard tinha uma vasta coleção de bonecas e que o Jordan Cammers estava no primeiro ano da faculdade de Medicina aliviava a minha dor. Como se, de alguma forma, ao saber mais sobre a sua vida do que apenas sobre a sua morte tornasse as coisas melhores para eles.

O meu objetivo hoje era o Warner Thomas, a penúltima pessoa na lista de passageiros do *Arcatia*. O Warner acabou por ser um assunto relativamente fácil. Havia toneladas de pessoas com o mesmo nome, mas assim que encontrei todos os perfis das redes sociais, cujas publicações tinham parado abruptamente há seis meses, soube que aquele era o certo. O Warner era um homem muito magro, que parecia demasiado tímido para falar pessoalmente com os outros. Aparecia como solteiro em todo o lado e senti-me mal por achar que isso fazia todo o sentido.

A última mensagem no seu blogue era dolorosa.

Desculpem por esta ser curta, mas estou a escrever no telefone. Olhem para este pôr do sol!

Logo abaixo dessa linha, o Sol desaparecia mergulhando atrás de Oceano.

Tanta beleza no mundo! Não posso deixar de pensar que há coisas boas a caminho!

Quase me ri. A expressão dele em todas as fotografias fez-me pensar que ele nunca soltara uma exclamação na vida. Mas não pude deixar de me perguntar se teria acontecido alguma coisa antes da viagem fatídica. Será que ele tinha uma razão para pensar que a direção da sua vida estava a mudar? Ou tratar-se-ia de uma daquelas mentiras que dizemos, na segurança dos nossos quartos, quando ninguém consegue perceber que se trata de uma falsidade?

Imprimi a melhor fotografia dele, uma piada que ele publicara e algumas informações sobre os seus irmãos. Os álbuns de recortes não eram coisas que eu gostasse de transportar em público, portanto coloquei os papéis cuidadosamente na minha mala para levar para casa.

Desculpa, Warner. Juro que não foi por mim que morreste.

Com aquilo terminado, consegui direcionar a minha mente para algo um pouco mais divertido. Aprendera ao longo dos anos a equilibrar com algo alegre cada peça devastadora do meu álbum de recortes. Na noite anterior, estivera a olhar para vestidos antes de colar a última das fotos da Kerry. Hoje, eram bolos. Encontrei a secção culinária e transportei uma pilha de livros para um espaço vazio no terceiro andar. Debrucei-me sobre receitas, trabalhos de *fondant*, montagem. Construí bolos de casamento imaginários, um de cada vez, entregando-me ao mais consistente dos meus devaneios. O primeiro era um clássico de baunilha e creme de manteiga com decoração em azul-pálido e pequenas papoilas brancas. Três camadas. Bastante encantador. O seguinte tinha cinco camadas, era quadrado, com uma fita preta e camafeus de joalharia personalizados, alinhados verticalmente na parte da frente. Um pouco mais apropriado para um casamento noturno.

Talvez este fosse o meu próximo grande sonho. Talvez pudesse tornar-me pasteleira e fazer com que o dia de outra pessoa fosse especial no caso de eu nunca vir a ter um.

– Vais dar uma festa?

Ergui os olhos e vi um rapaz loiro, desleixado, que empurrava um carrinho cheio de livros. Tinha uma placa minúscula com o nome, que não consegui ler, e usava o uniforme típico de um universitário: calças de caqui e uma camisa abotoada com as mangas arregaçadas até aos cotovelos. Já ninguém se esforçava.

Contive um suspiro. Esta parte da nossa sentença era inevitável. Estávamos destinadas a atrair pessoas e os homens eram particularmente suscetíveis.

Olhei novamente para baixo, sem responder, esperando que ele percebesse a indireta. Não decidira sentar-me no fundo do andar de cima porque me apetecia conhecer pessoas.

– Pareces cheia de stresse. Provavelmente, uma festa fazia-te bem.

Não consegui suprimir um sorrisinho. Ele não fazia ideia. Infelizmente, ele encarou aquele pequeno sorriso como um convite para continuar.

Passou a mão pelo cabelo, o equivalente moderno de «Bom dia, menina», e apontou para os livros.

– A minha mãe diz que o segredo para fazer bons bolos é usar uma tigela quente. Não que eu saiba. Mal consigo fazer cereais sem os queimar.

O seu sorriso sugeria que era mesmo verdade e senti-me um pouco seduzida quando ele enfiou a mão no bolso de um modo envergonhado.

Era uma pena, realmente. Eu sabia que ele não tinha má intenção e não queria ferir os seus sentimentos. Mas estava prestes a recorrer ao gesto mais rude que tinha, indo-me simplesmente embora, quando ele tirou a mão do bolso e ma estendeu.

– Sou o Akinli, a propósito – disse ele, esperando que eu respondesse. Fiquei de boca aberta a olhar para ele, nada habituada a que as pessoas ignorassem o meu silêncio.

– Eu sei que é estranho. – Ele interpretou mal a minha confusão. – É um nome de família. Mais ou menos. Era um apelido do lado da minha mãe.

Ele manteve a palma da mão estendida, à espera. Normalmente, a minha resposta seria fugir. Mas a Elizabeth e a Miaka conseguiam interagir com pessoas. Por amor de Deus, a Elizabeth mudava de amantes regularmente, sem nunca dizer uma palavra. E havia algo neste rapaz que parecia... diferente. Talvez fosse a forma como os seus lábios se abriam num sorriso sem que ele parecesse sequer pensar nisso, ou a forma como a sua voz fluía calorosamente, como uma nuvem, mas tive a certeza de que ignorá-lo acabaria por ferir mais os meus sentimentos do que os dele e que o lamentaria.

Cautelosamente, como se pudesse partir-nos a ambos, aceitei a mão dele, esperando que ele não notasse a frieza da minha pele.

– E tu chamas-te...? – perguntou ele.

Suspirei, certa de que isto acabaria com a conversa, apesar das minhas boas intenções. Disse o meu nome por gestos e os seus olhos arregalaram-se.

– Oh, uau. Então, tens estado a ler os meus lábios este tempo todo?

Abanei a cabeça.

– Consegues ouvir?

Acenei afirmativamente.

– Mas não consegues falar. Hum, está bem. – Ele começou a dar palmadinhas nos bolsos, enquanto eu tentava lutar contra o medo que me percorria a espinha. Não tínhamos muitas regras, mas as que tínhamos eram absolutas. Permanecer em silêncio na presença de outros até ser altura de cantar. Quando chegasse o momento de cantar, fazê-lo sem hesitação. Quando não estivéssemos a cantar, não fazer nada que expusesse o nosso segredo. Andar pela rua era uma coisa e o mesmo era estar sentada debaixo de uma árvore. Mas isto? Tentar ter uma conversa real? Isto colocava-me num cenário muito perigoso.

– Pronto, aqui está – anunciou ele, tirando uma caneta. – Não tenho papel, portanto vais ter de escrever na minha mão.

Fitei a pele dele, hesitando. Que nome deveria usar? O da carta de condução que a Miaka me comprara *online*? O que usara para alugar a nossa casa de praia atual? O que usei na última cidade em que ficámos? Tinha cem nomes à escolha. Talvez estupidamente, decidi dizer-lhe a verdade.

– Kahlen? – leu ele na sua pele.

Assenti com a cabeça, surpreendida com a sensação de liberdade que me percorreu por um ser humano no planeta saber o meu nome verdadeiro.

– É bonito. Prazer em conhecer-te.

Ofereci-lhe um pequeno sorriso, ainda desconfortável. Não sabia fazer conversa de circunstância.

– Acho muito porreiro vires para uma escola tradicional, embora uses linguagem gestual. Eu achava que era corajoso só por sair do estado. – Riu-se para si mesmo.

Mesmo com a inquietação que sentia, admirei o seu esforço para manter a conversa. Era mais do que a maioria das pessoas faria no seu lugar. Ele apontou novamente para os livros.

– Bom, hum, se alguma vez deres essa festa e precisares de ajuda com o bolo, juro que posso esforçar-me o tempo suficiente para não estragar tudo.

Ergui uma sobrancelha para ele.

– Estou a falar a sério! – Ele riu-se como se eu tivesse dito uma piada. – De qualquer forma, boa sorte. Até um dia destes.

Acenou envergonhado e depois continuou a empurrar o carrinho pelo corredor. Observei-o a afastar-se. Sabia que me lembraria do seu cabelo, tão desganhado que parecia ter sido varrido pelo vento mesmo quando imóvel, e da bondade nos seus olhos. E odiar-me-ia por me agarrar a esses pormenores se ele alguma vez cruzasse o meu caminho num daqueles dias sombrios, dias como aqueles em que a Kerry ou o Warner me tinham encontrado.

Ainda assim, estava grata. Não conseguia lembrar-me da última vez em que me sentira tão humana.